

“Até Quando a Natureza Insiste?”

Porto Alegre acorda com o som dos pardais e o cheiro das árvores molhadas pela neblina que sobe do Guaíba. A cidade que cresce em concreto ainda guarda espaços onde a natureza respira — e nos faz respirar junto. Caminhar pelo Parque da Redenção aos domingos é redescobrir o tempo que corre mais devagar, como se as árvores antigas sussurrassem histórias a quem quisesse ouvir.

Porto Alegre ainda tenta lembrar que nasceu cercada por verde e água. Mas basta uma volta rápida pelo Centro para ver que a natureza foi sendo empurrada para as margens — literalmente. O Guaíba, que já foi rio e depois virou lago, hoje serve de moldura para prédios, avenidas e interesses econômicos. O que era paisagem virou mercadoria.

Os parques resistem como ilhas. A Redenção, o Moinhos, o Marinha... são respiros, mas andam sufocados por falta de cuidado e excesso de concreto. Árvores cortadas “por segurança”, animais silvestres expulsos por obras, córregos canalizados como se fossem problemas e não parte viva da cidade.

A cidade que um dia teve orgulho de suas árvores centenárias agora tropeça em seus próprios projetos de “modernização”. Em nome do progresso, Porto Alegre cava buracos onde antes havia sombra. O verde é ornamental, calculado, domesticado. O natural virou paisagem de fundo para empreendimentos.

A natureza da minha cidade já foi protagonista. Hoje, é figurante em um cenário de pressa, ruído e esquecimento. Em Porto Alegre, o verde que sobra parece estar sempre no lugar errado: onde vai passar uma nova obra, onde se planeja um prédio.

A natureza da minha cidade é como um velho conhecido que a gente esquece de visitar. Porto Alegre nasceu entre o verde e o Guaíba, mas parece ter virado as costas para os dois.

E, mesmo assim, a natureza insiste. Um sabiá canta na janela de um prédio, um capim cresce na rachadura do asfalto, uma figueira resiste numa esquina esquecida. Porto Alegre sobrevive porque sua natureza ainda luta por espaço.

A natureza da minha cidade é teimosa. Mas até a teimosia tem limite. A pergunta que fica é: vamos notar antes que ela desista?

Lorenzo Paulo Vieira
Colégio Universitário – 3º série

Comentário da banca: O texto apresenta forte lirismo aliado à crítica social, explorando imagens poéticas que transformam a cidade em personagem. A alternância entre contemplação e denúncia dá ritmo e clareza, enquanto o desfecho em forma de pergunta amplia o impacto reflexivo. Trata-se de uma produção consistente, sensível e instigante.